

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FILMAR: CHEGAR A BOM PORTO
13 de Abril de 2024

UM S MARGINAL / 1983

Um filme de José de Sá Caetano

Realização e Argumento: José de Sá Caetano / Direcção de Fotografia: Moedas Miguel / Cenários e Guarda-Roupa: Jasmim / Música: Rui Cardoso / Som: Carlos Pinto e J. Pedro Jacobetty / Montagem: Manuel Tomás e Teresa Prista / Interpretação: Sinde Filipe (o político), Diogo Dória (o disc-jockey), Françoise Ariel (amante do político), Joaquim Leitão (Jorge), João Lagarto (amigo de Jorge), Rui Morisson (apresentador de tv), Manuel Guanilho, Eurico da Fonseca, etc.

Produção: Filmform / Produtor Executivo: José Fonseca e Costa / Cópia: digital, colorida, falada em português / Duração: 92 minutos / Estreia: Quarteto, a 3 de Agosto de 1983.

Esta sessão decorre no âmbito do projecto FILMar, operacionalizado pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, integrado no Mecanismo Financeiro de Apoio EEA Grants 2020-2024.

Um S Marginal foi, no que toca ao trabalho ficcional de José de Sá Caetano, a obra que deu sequência a **As Ruínas no Interior**, filme que em 1976 fora um dos mais singulares objectos saídos de um período em que a produção portuguesa viveu, compreensivelmente, embrenhada na maré revolucionária lançada em Abril de 1974.

E é também ele um objecto provido de assinalável singularidade, agora como reflexo (ou reflexão) de um período pós-revolucionário – aspecto em que é importante notar que o filme, embora estreado apenas em 1983, foi pelas informações disponíveis rodado em 1980, o que significa que a sua génese vem mesmo desse período de deflação das expectativas e euforias revolucionárias (o **Passagem ou a Meio Caminho** de Jorge Silva Melo, o **Oxalá** de António-Pedro Vasconcelos, dois filmes que muito conscientemente faziam uma espécie de luto pela revolução, estrearam nessa época, 1980-1981). O que tem **Um S Marginal** a dizer sobre essa época pós-revolucionária? Não é necessariamente claro, na quantidade de distâncias que o filme ergue entre ele e esse período, que nunca é directamente referido nem aludido, mas essa espécie de indefinição do sentido é algo que, pelo menos visto de agora, amplifica a sua singularidade.

Do ponto de vista da construção cinematográfica, os primeiros minutos, ainda sem qualquer espécie de entrada óbvia numa delineação narrativa, são bastante bons. Imagens de ruas da baixa da lisboeta, trânsito nas primeiras horas da manhã (portanto, uma cidade ainda a despertar, de ruas relativamente desertas), imagens do rio e do céu, entrecortadas por planos de pormenor (os semáforos, as estruturas que suportam o movimento dos eléctricos), numa montagem que instaura logo um fluxo bastante especial (de resto, a maneira como Sá Caetano trabalha a montagem ao longo do filme, aquela espécie de “atraso” que ela instaura na passagem entre cenas, como se cada uma contivesse ainda algo da cena anterior, é outro aspecto que vale a pena distinguir). Depois,

sempre sem nenhuma sinalização óbvia, o filme é projectado para um futuro não datado, próximo de um ambiente de “ficção científica”, ou mais precisamente de “antecipação”, à falta de melhores termos: fala-se de um mundo caótico, marcado por uma estranha violência (as notícias que vem do mundo rural, sobre os “gangs” e sobre os caçadores), fala-se de uma ameaça ecológica, e das respostas (uma rede de centrais destinada a extrair energia do oceano) que as mais altas instâncias políticas planeiam para lhe fazer frente. É um mundo onde a televisão já tem preponderância, através da personagem de Rui Morisson e também de todas as cenas com simulacros de debates televisivos, onde cientistas (alguns, verdadeiros cientistas, como Eurico da Fonseca) dialogam com versões mais ou menos caricaturais de “políticos”.

E entre isto e o fulcro narrativo não há, para além de um vago e difuso ambiente conspirativo, nenhuma relação directa ou, pelo menos, explícita. Do grupo de jovens (Diogo Dória, João Lagarto, Joaquim Leitão) ao casal formado pelo “político” e pela amante (Sinde Filipe e Françoise Ariel), tudo é uma espécie de neblina, simbolizada pelo estranho acidente de automóvel que narrativamente liga umas personagens às outras. Esta atmosfera lacunarmente conspirativa, que quando se torna mais evidente permanece, ainda assim, sem nenhuma explicação cabal, tem o seu zénite na noite em que o político e a amante ficam cercados pelos latidos dos cães selvagens que se reúnem em torno da vivenda em que passam a noite. É algo ao mesmo tempo de uma plausibilidade muito concreta e de uma dimensão simbólica inescapável, elemento principal do ambiente de ameaça difusa, não explicada, que paira sobre todo filme e que, de certo modo, é o coração que lhe faz correr o sangue.

E esta estranheza – voltamos a dizer: estranheza também em termos de definição de um sentido – é o aspecto que, mais de 40 anos depois, põe *Um S Marginal* a viver como um objecto que faz plena justiça ao seu título, é um “s” muito “marginal”, muito bizarro, dentro de um período muito específico do cinema português.

Luís Miguel Oliveira